

Madeira, Ana Isabel (2011). A Construção do Saber Comparado em Educação: uma análise sócio-histórica”, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Resumo

Este trabalho centra-se na exploração do percurso histórico que assegura ao conhecimento obtido através da comparação um estatuto verídico. A reconstituição dos discursos sobre a comparação procura demonstrar que, através da figura epistemológica *método comparativo*, se estabeleceram relações entre diversos campos de saber e que, independentemente dos graus de formalização próprios a cada ciência, a regularidade com que esta figura atravessou as várias disciplinas foi determinante para a institucionalização de novos domínios científicos. O argumento que atravessa o texto procura demonstrar que as práticas de representação e as práticas de comparação, separadas umas das outras por questões de “método”, nunca deixaram de apoiar-se mutuamente para hierarquizar, classificar e ordenar, em função de teorias, doutrinas e filosofias, o homem e o seu devir. O argumento prolonga-se na tentativa de demonstrar que, no quadro das ciências sociais e humanas, a comparação *científica* tem sobretudo produzido, a expensas do seu poder descritivo e classificatório, um saber estabilizador e totalitário, reconduzindo permanentemente a figura do *outro* ao *mesmo*. Por aproximações e distanciamentos sucessivos, procura demonstrar-se de que modo as práticas discursivas apoiadas em anunciados científicos constituíram frequentemente prolongamentos das crónicas de conquista, das narrativas religiosas, das doutrinas políticas, não devendo, portanto, ser consideradas como elementos do discurso exteriores, ou analiticamente independentes, de uma racionalização pura e simples da representação. A relação entre o conhecimento científico e o controle político do conhecimento continua, na era da globalização, a justificar a criação de novos espaços imaginados e a produzir discursos e práticas que fazem apelo a novas racionalidades comparativas. Estes discursos, as práticas que a eles se encontram ligadas e os actores que se encontram envolvidos nos processos de produção - e transmissão - de saberes, constituem em si mesmo um novo programa de pesquisa para a educação comparada.

SUMÁRIO

Apresentação

Capítulo 1 - O Tempo das Analogias: Da representação da Experiência à Normatividade Científica

- 1.1. A comparação que emerge do confronto
- 1.2. A organização das ordens empíricas
- 1.3. A metáfora mecânica: O racionalismo cartesiano

1.4. A metáfora orgânica: A comparação da natureza

Capítulo 2 - O Tempo do Homem: A Construção de uma Positividade Específica

2.1. Os viajantes naturalistas

2.2. O saber sobre o homem: A emergência das ciências humanas

2.3. Colonialismo científico e colonialismo de Estado

Capítulo 3 - A Emergência das Ciências Sociais e a Constituição do Campo das Ciências da Educação (Séculos XIX – XX)

3.1. As Ciências da Educação

3.2. Poder e saber: A pedagogia, a escola e o “governo das almas”

3.3. O quadro de emergência da Educação Comparada

Capítulo 4 - As Trajectórias do Campo da Educação Comparada (Séculos XX – XXI)

4.1. A renovação das lógicas do trabalho comparado na segunda metade do século XX

4.2. O diálogo da história com a comparação

Capítulo 5 - Globalização e Estratégias de Internacionalização: O Papel da Pesquisa Comparada

5.1. O processo de Bolonha e a construção da parceria União Europeia – América Latina e Caraíbas

5.2. *Europeização* e mecanismos de regulação das políticas educativas

5.3. A cooperação Portugal-Brasil no quadro da internacionalização do Espaço Europeu do Ensino Superior

Epílogo - Desafios Contemporâneos para a Educação Comparada

Referências

APRESENTAÇÃO

O presente livro é o resultado de um percurso de socialização no campo da Educação Comparada, coincidente com o trabalho que venho desenvolvendo na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa¹. As reflexões que aqui se materializam são produto de uma exploração estimulada pelo diálogo que envolveu os meus colegas de ofício da área da História da Educação e Educação Comparada da UL, no quadro das discussões travadas em seminários e

¹ Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, desde 1 de Janeiro de 2010.

projectos de pesquisa em que tive a oportunidade de participar activamente ao longo dos últimos dez anos². Desde o início, que o meu interesse pela educação comparada se pautou pela necessidade de construir um discurso próprio, mantendo uma concepção vigilante face a qualquer tentativa de legitimação disciplinar. Foi, de resto, com essa liberdade que aceitei o desafio de dar continuidade, na qualidade de docente da disciplina, ao trabalho de investigação que o Professor António Nóvoa havia já consolidado naquela instituição. Graças à sua indómita vocação de pedagogo, a minha imersão no campo pôde transformar-se, não apenas numa oportunidade de aprendizagem, mas numa fecunda viagem interior.

À excepção dos dois últimos capítulos, o texto que agora se apresenta reproduz parcialmente a primeira parte da minha tese de doutoramento, consagrada à análise dos discursos sobre a comparação. Aí procurei compreender e explicar o modo como o conhecimento obtido através da comparação pôde historicamente adquirir um estatuto verídico, de que modo a figura epistemológica *método comparativo* permitiu estabelecer relações entre diversos campos de saber, contaminar várias disciplinas e institucionalizar novos domínios científicos. No essencial, o trabalho assenta na descrição de quadros de positivities cuja configuração permitiu estabelecer um conjunto de condições de possibilidade para o exercício da comparação. De facto, durante os séculos que alcançam o conjunto de acontecimentos que são objecto deste trabalho, produzem-se modificações essenciais no *sistema geral de saber* dando origem a enunciados formados de maneira regular por uma prática discursiva. Estas modificações são objecto de tratamento no capítulo 1 - *O tempo das analogias*, ao longo do qual procuro oferecer uma leitura alternativa do *Arquivo*, segundo uma narrativa que se constrói no registo da contingência e da descontinuidade. O capítulo

² Como em todas as viagens, a da nossa transformação é impossível de separar das pessoas que encontramos pelo caminho. Este trabalho resulta, antes de mais, do contributo dos colegas e amigos que comigo partilharam um intenso e construtivo debate na FPCE-UL, em especial António Nóvoa, Rogério Fernandes, Luís Miguel Carvalho e Jorge do Ó. As experiências e os contactos proporcionados pela participação na rede europeia *Prestige* permitiram-me um contacto muito estimulante com investigadores europeus e norte-americanos com os quais pude discutir aspectos essenciais do meu trabalho, em particular Antoinette Errante (Ohio State University, USA), Yasemin Soysal (University of Essex, UK), Thomas Popkewitz (University Wisconsin-Madison, USA), Robert Cowen (Institute of Education, UK) e Jürgen Schriewer (Humboldt University, GER). Os programas de intercâmbio entre a Universidade de Lisboa e diversas universidades brasileiras criaram uma rede de contactos indispensáveis à incorporação de um outro olhar sobre as questões da comparação no espaço da língua portuguesa. Assim agradeço muito particularmente a José Miguel Lopes (UNINCOR), Marilda da Silva (UNESP), Cristina Gouvêa (UFMG), Donald Bello de Souza (UERJ) e a Vera Gaspar da Silva (UDESC) a leitura atenta e os comentários que produziram a respeito de vários capítulos incluídos neste livro.

2 - *O tempo do Homem* tenta demonstrar de que modo as práticas de representação e as práticas de comparação, separadas umas das outras pelas questões de “método”, nunca deixaram de apoiar-se mutuamente para hierarquizar, classificar e ordenar, em função de teorias, doutrinas e filosofias, o homem e o seu devir. No capítulo 3 - *A Emergência das Ciências Sociais e a Constituição do Campo das Ciências da Educação*, situo a emergência deste espaço de problematizações, distinguindo-o dos que foram entretanto ocupados por outras disciplinas sociais – a psicologia, a sociologia, as ciências políticas – analisando, simultaneamente, o conjunto de dinâmicas – académicas, profissionais e políticas – que atravessaram aquele campo de produção de saberes. A reflexão culmina, justamente, com uma breve análise destas dinâmicas e suas consequências no plano da auto-definição disciplinar: *As trajectórias da Educação Comparada, séculos XX e XXI* (capítulo 4). Serve esta reflexão para analisar de que modo estes desenvolvimentos se prolongaram no espaço “interno” da disciplina, as tendências que marcaram a estruturação do campo da educação comparada durante todo o século XX e a importância da análise histórica para uma reconfiguração do trabalho comparado em educação, na transição do século XX para o século XXI.

Num último momento do livro, dedicado ao tema *Globalização e Estratégias de Internacionalização* - capítulo 5 - problematizo as condições de renovação da educação comparada no quadro dos processos de globalização educativa contemporâneos. Nesse ponto a narrativa interroga-se acerca dos sentidos e dos modos de exercer o trabalho comparado tendo em conta os novos mecanismos de regulação das políticas educativas à escala global. A questão da construção do *espaço europeu do ensino superior* e a internacionalização dos sistemas de ensino através da cooperação em matéria educativa no espaço Portugal-Brasil são aqui objecto de ilustração empírica. Por fim, no epílogo *Desafios Contemporâneos para a Educação Comparada*, proponho uma reflexão em torno de um conjunto de dinâmicas, com origem nas instâncias europeias, acerca da reinvenção do *nós* e do *outro*, através de um conjunto de mecanismos de produção discursiva a respeito da “nova” relação entre o conhecimento e o desenvolvimento. O apelo paradoxal ao exercício de práticas de comparação destemporalizadas e desterritorializadas é aí equacionado com as novas retóricas sobre a *identidade* e a *afinidade cultural*, sinal de que os temas da educação e da cultura estão de regresso, e em força, aos argumentos que procuram legitimar os projectos de internacionalização europeus.

No decurso do processo de investigação e no da escrita do texto, o escopo metodológico da *história geral* e o cruzamento da *perspectiva histórica* com a *comparação* pareceram-me, desde logo, formar uma articulação espontânea. O leitor encontrará na minha apropriação conceptual referências ao Foucault dos primeiros trabalhos, ao historiador que confronta os documentos e os analisa nas suas justaposições, contradições ou descontinuidades e, ao mesmo tempo, ao Foucault epistemólogo que questiona o estatuto da ciência, a sua história e os seus conceitos (Foucault, 2005 [1969]). Esta apropriação resulta num conjunto de escolhas com consequências a vários níveis: na opção por uma periodização longa, na análise da acumulação ou rarefacção dos acontecimentos discursivos, na atenção aos seus deslocamentos, rupturas, transformações e apropriações e, também, aos seus momentos de formalização.

Por aproximações e distanciamentos sucessivos, proponho mostrar de que modo as práticas discursivas apoiadas nos enunciados científicos constituíram frequentemente prolongamentos das crónicas de conquista, das narrativas religiosas, das doutrinas políticas, não devendo, portanto, ser consideradas como elementos do discurso exteriores (ou analiticamente independentes) de uma racionalização, pura e simples, da representação. De acordo com este pressuposto argumentarei que, no mais das vezes, a comparação *científica* pôde sobretudo produzir, a expensas do seu *poder* descritivo e classificatório, um *saber* estabilizador e totalitário, reconduzindo permanentemente a figura do *outro* ao *mesmo*. Creio que este conjunto de ideias é importante para compreender a relação entre o conhecimento científico e o controlo político do conhecimento. A sua articulação desempenhou, efectivamente, um papel essencial na *missão do ocidente* para com os povos ditos *primitivos* e continua, na era da globalização, a justificar a criação de novos espaços imaginados, criando novas realidades a partir da reconfiguração dos discursos sobre o *progresso* e sobre a *modernização* educativa.